

TRABALHO, AMBIÇÃO E PODER EM HAMILTON

Thayanne Modena Maciel¹

O musical Hamilton, criado por Lin-Manuel Miranda, ajuda bastante a pensar o mundo do trabalho porque transforma uma figura histórica em alguém movido pela urgência de vencer. Alexander Hamilton vem do Caribe, chega a Nova York sem prestígio e sem herança e faz da escrita, do estudo e da disciplina uma forma de entrar num espaço que não estava aberto para ele. A escolha do hip-hop e de um elenco majoritariamente não branco também muda o jeito de olhar para essa história. Não fica com cara de passado morto. Fica com cara de presente, de disputa por voz, por reconhecimento e por lugar.

Isso aparece o tempo todo no musical. Hamilton escreve cartas, discursos, relatórios e projetos como se ficar parado fosse desaparecer. Em músicas como My Shot e Non-Stop, o trabalho vira quase uma medida de valor pessoal. Ele não quer só sobreviver; quer ser visto, ouvido e lembrado. Por isso, a peça toca num ponto muito atual: a ideia de que produzir sem parar é quase uma obrigação para merecer respeito. E é aí que Marx entra com força. Nos textos trabalhados em aula, aparece a noção de que, no capitalismo, o trabalhador produz riqueza, mas também pode ser reduzido a instrumento do próprio sistema. Em Hamilton, isso não aparece no chão da fábrica, mas aparece na lógica da produtividade, da concorrência e da cobrança constante para provar utilidade. O personagem sobe, mas sobe dentro de uma estrutura desigual. Então o musical até pode inspirar, mas também incomoda, porque vende junto a fantasia de que esforço individual basta.

A leitura marxista fica ainda mais interessante quando Hamilton deixa de ser apenas alguém que quer entrar no jogo e passa a ajudar a organizar esse jogo. Mais tarde, já no governo, ele atua na organização do Tesouro e defende um sistema financeiro mais centralizado. Em outras palavras, ele trabalha justamente no campo das leis, das instituições e da política que sustentam uma

¹Aluna do 1o Técnico em Teatro Subsequente – Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina Fundamentos do Trabalho, sob orientação da professora Eliana Maria dos Santos

ordem social. Isso conversa bem com aquela ideia de que a estrutura material da sociedade se liga à superestrutura. Não é só trabalho manual que produz poder. Escrever normas, administrar recursos e desenhar instituições também é trabalho, e talvez seja um dos trabalhos que mais concentram poder. Weber ajuda a puxar essa discussão para outro lado. A racionalização, a burocracia, o cálculo e a disciplina aparecem em Hamilton quase como traços de personalidade. Ele pensa em metas, método, resultado, organização. O problema é que esse tipo de eficiência cobra caro. Quanto mais ele avança, menos paz ele parece ter. A lógica racional que o fortalece também prende sua vida numa corrida sem descanso, bem perto daquilo que Weber descreve como perda de liberdade e de sentido.

Durkheim poderia entrar aqui de modo mais breve, só para lembrar que nenhuma sociedade se organiza por um indivíduo sozinho. O musical mostra o tempo todo uma rede de funções, disputas e cooperações.

No fim, Hamilton funciona muito bem para discutir o mundo do trabalho no teatro porque junta ambição, talento, desigualdade, política e reconhecimento numa mesma história. A peça é envolvente e tem energia, mas não precisa ser lida só como exaltação do mérito. Ela também mostra a pressão para produzir, a competição por espaço e a forma como certas estruturas continuam selecionando quem pode aparecer e quem precisa correr o dobro para ser aceito. Talvez seja por isso que o musical ainda soe tão atual: ele fala de formação de Estado e de passado histórico, mas ao mesmo tempo lembra um mundo em que todo mundo precisa performar eficiência o tempo inteiro. Em Hamilton, trabalhar não é apenas fazer alguma coisa; é tentar existir, ganhar voz e não ser apagado.